



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO
PRÓ-REITORIA DE PÓSGRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA
SECRETARIA DE PÓS-GRADUAÇÃO CESAD
REDE DE ALTOS ESTUDOS EM SEGURANÇA PÚBLICA
ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS INFANTO-JUVENIS NO AMBIENTE ESCOLAR
(ESCOLA QUE PROTEGE)**

ALEX COSTA DE OLIVEIRA

O PAPEL DA DOCÊNCIA SOBRE A INDISCIPLINA ESCOLAR

**São Cristóvão – SERGIPE
Setembro de 2015**

ALEX COSTA DE OLIVEIRA

O PAPEL DA DOCÊNCIA SOBRE A INDISCIPLINA ESCOLAR

Trabalho de conclusão de curso apresentado em forma de Plano de Intervenção em cumprimento a uma das exigências para obtenção do título de especialista no Curso de Especialização em Direitos Infanto-Juvenis no Ambiente Escolar (Escola que Protege).

Eixo temático: Violência, drogas e evasão escolar.

Professor/a Orientador/a: Profa. Msc. Darlene Almada O. Soares

**São Cristóvão – SERGIPE
Setembro de 2015**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

A large, empty rectangular box with a thin black border, occupying the lower half of the page. It is positioned centrally below the header text and is currently blank, serving as a placeholder for a catalog record or image.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA
SECRETARIA DE PÓS-GRADUAÇÃO CESAD
REDE DE ALTOS ESTUDOS EM SEGURANÇA PÚBLICA
ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS INFANTO-JUVENIS NO AMBIENTE ESCOLAR
(ESCOLA QUE PROTEGE)

COMISSÃO JULGADORA

Plano de Intervenção do/a docente Alex Costa de Oliveira intitulado o papel da docência sobre a indisciplina escolar defendido e aprovado em 21 de novembro de 2015 pela banca examinadora composta pelos seguintes professores:

Prof^a. MSc. Débora Rodrigues Santos

(Examinador/a 1)

Prof^a. Dr^a. Alessandra Barbosa Bispo

(Examinador/a 2)

Prof^a. MSc. Darlene Almada Oliveira Soares

(Orientador/a)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à Deus, por tudo que significa na vida de tantas pessoas. Em seguida agradeço aos meus pais Manoel e Anizete, irmãos, Sônia, Fabio e Andrea, sobrinhas, Eduarda e Eloisa, pessoas com quem tenho a oportunidade de dialogar diariamente e assim forjar minhas impressões do mundo. Agradecer minha noiva Daysiane, pelo incentivo e apoio para realização e conclusão desse curso nos momentos que os obstáculos foram maiores. Agradecido pela orientação da professora Darlene Almada O. Soares que ajudou-me no norteamento desse trabalho. E por fim agradeço a equipe do CESAD, coordenação, professores e tutores pela oferta e promoção desse significativo curso de especialização.

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de fornecer uma reflexão acerca dos desafios que perpassam sobre os reflexos das práticas indisciplinadas no ambiente escolar a fim de propor ações que possam minimizar seus efeitos negativos sobre o processo de ensino-aprendizagem. Para isso realizamos um levantamento bibliográfico destinado a construção de um referencial teórico, em seguida construímos um diagnóstico da Escola Estadual Doutor Airton Teles, a partir dos recursos metodológicos como, observações *in loco*, conversas e questionários aplicados a professores e alunos. Percebemos que a indisciplina escolar resulta de inúmeros fatores internos e externos, refletindo as circunstâncias socioculturais que incidem sobre a instituição de ensino. Por fim, propomos ações de mobilização, conscientização e transformação da realidade escolar pesquisada.

Palavras-chaves: Indisciplina, ambiente escolar, docência, conscientização.

ABSTRACT

This paper aims to provide a reflection on the challenges that cross on the reflections interdisciplinary practices in the school environment in order to propose actions that can minimize its negative effects on the teaching-learning process. For this, we conducted a literature review for the construction of a theoretical framework. Then, we built a diagnosis of State School Doctor Airton Teles, from the methodological features such as, observations *in loco*, conversations and questionnaires given to teachers and students. We realize that school indiscipline is the result of numerous internal and external factors, reflecting the socio-cultural circumstances that focus on the educational institution. Finally, we propose mobilization, awareness and transformation of school reality researched.

Key words: Indiscipline, school environment, teaching, awareness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	Erro! Indicador não definido.	9
CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO.....		14
CAPÍTULO 2: DIAGNÓSTICO.....		27
CAPÍTULO 3: PLANO DE INTERVENÇÃO.....		39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....		48

INTRODUÇÃO

Torna-se cada vez mais relevante e desafiador embrenhar-se sobre o universo da educação diante da intensa volatilidade e fugacidade com que os valores e paradigmas estão se transformando nos últimos anos. Falamos de um contexto de transformações avassaladoras que em ritmo alucinante põem em questionamento e reflexão até mesmo as mais tradicionais e sólidas convicções existentes.

A sedimentação do solo das nossas concepções nos coloca sobre o desafio urgente de encontrar um terreno sólido e cristalizado no qual poderá acomodar uma melhor compreensão no âmbito das novas experiências das quais estamos sujeitos. E assim, dentro desse espiral de novidades, a educação formal assume um papel de primeira grandeza para o enfrentamento dos grandes desafios e demandas da sociedade contemporânea que vivemos.

Pensando nisso e a luz das inquietações que perpassam o ensino em nossas escolas, percebemos a necessidade de buscar novas propostas e ações que possam dar conta de superar importantes obstáculos que o ensino no Brasil tem enfrentado nos últimos tempos, como: o baixo rendimento dos alunos e as dificuldades de relacionamento em razão da indisciplina. Para tanto, o presente trabalho consisti na elaboração de um plano de intervenção destinado a forjar uma mudança de atitude e consciência sobre as práticas pedagógicas implementadas sobre uma específica realidade.

Dessa forma, entendemos que seja urgente a abertura de um espaço de discussão e reflexão criteriosa que oportunize uma mudança de postura e ofereça métodos capazes de diluir os enfrentamentos que esse ambiente tem forjado.

O universo em questão é a Escola Estadual Dr. Airton Teles, instituição na qual a realização do meu trabalho docente fez-me perceber dificuldades para implementação de uma proposta educacional significativa e transformadora. Nesse âmbito, nossa experiência didática fez sobressair a atenção acerca das situações de indisciplina no ambiente escolar.

A relação entre professores e alunos é marcada pela imperatividade dos primeiros sobre os últimos, contudo em alguns momentos os conflitos e divergências provocam algumas atitudes mais ríspidas de ambas as partes. Os professores procuram manter o controle e a ordem dentro das salas de aulas, mas a desmotivação de alguns discentes e o choque de opiniões, acabam comprometendo o rendimento do trabalho escolar.

A escola está situada à Praça General João Pereira, nº. 652, no município de Itabaiana, no estado de Sergipe, pertence à rede estadual de ensino de Sergipe, jurisdicionada à Diretoria

Regional de Educação 03 (DRE 03). Ela possui dez salas de aula, quase sempre superlotadas com cerca de 50 alunos e funcionam nos três turnos para atender a demanda da comunidade, uma sala de leitura pouco explorada pelos alunos, uma sala de multimídia utilizada para projeção de filmes, uma sala da diretoria, uma sala de coordenação pedagógica e outra para secretaria.

A cozinha está anexada ao depósito de alimentos, a sala dos professores é bastante ampla e conta com ar-condicionado, seis banheiros, comuns com duas entradas, servem ao uso dos alunos e mais um separado, exclusivamente, para uso dos professores e funcionários. O pátio da escola muitas vezes é utilizado para realização de palestras e culminância de trabalhos e projetos, pois não existe auditório. A quadra descoberta e improvisada é aproveitada apenas para as aulas de educação física.

A escola é de grande porte ofertando nos turnos da manhã e tarde o ensino fundamental menor e maior e no turno da noite a Educação de Jovens e Adultos para o ensino fundamental e médio. Funcionando nos três turnos, atende um público de cerca de 932 alunos. Dispõem de um quantitativo de 38 professores, mas sofre carência de mais 2 professores para as disciplinas de inglês e sociedade e cultura.

A clientela assistida pela instituição de ensino abrange crianças e adolescentes na região circunvizinha, bem como alunos oriundos da zona rural do município. Contudo, nosso objeto de estudo se propõem à fazer um recorte dos alunos do turno da noite, sobre os quais destinaremos nossa intervenção. Fazem parte desse universo, adultos que estão retomando os estudos e adolescentes que estão em defasagem de idade-série.

A relação entre alunos e direção, observamos, em geral, é tranquila e amistosa na medida em que os alunos fazem solicitações e a equipe diretiva busca soluções para essas demandas. No entanto, acompanhando o cotidiano escolar e em discussões com a equipe pedagógica, percebemos que existem alguns casos de alunos que por não aceitarem as determinações regimentais da instituição acabam sendo advertidos e nesses casos reagem com certa agressividade a essas determinações. Não existe grêmio estudantil ou qualquer outra forma de organização ou representatividade dos alunos junto aos processos decisórios da instituição

Entre os alunos se percebe, através da atenção que dispensamos aos mesmos e a observação do seu comportamento, um ambiente de brincadeira e camaradagem que inúmeras

vezes é obstruído por agressões verbais e físicas que lançam uns sobre os outros na sala de aula e principalmente nos intervalos quando o barulho toma conta da escola.

A merenda é oferecida em todos os turnos e constitui-se dos alimentos fornecidos pela Secretaria Estadual de Educação. A escola dispõe de Projeto Político Pedagógico, um Currículo e o Regimento Escolar.

Diante da realidade supracitada e da angústia de professores e profissionais por fomentar um trabalho educacional de qualidade, o objetivo geral do nosso trabalho se dedica a desenvolver ações para minimizar os efeitos negativos gerados pelas situações de conflitos que ocorrem na escola e dificultam o processo de ensino-aprendizagem no ambiente institucional da escola estadual Dr. Airton Teles em Itabaiana. Para tanto perseguiremos objetivos específicos que servirão de princípios norteadores na busca dos resultados pretendidos como:

- identificar e atuar sobre as situações de indisciplina dos alunos no âmbito escolar;
- esclarecer acerca do impacto negativo da indisciplina sobre o processo educacional e valorizar a tolerância e respeito mútuo;
- fortalecer as práticas colaborativas nos processos decisórios da escola, envolvendo toda comunidade escolar;
- oferecer um acompanhamento especial aos indivíduos mais reincidentes nas práticas indisciplinadas.

Essa proposta de trabalho se justifica pela enorme demanda de problemas e angústias que acompanham, o cada vez mais tenso e conflituoso, relacionamento entre professores e alunos no âmbito escolar como demonstram, por exemplo, as ofensas verbais e físicas. Sendo assim, em especial, a relação professor-aluno encontram-se cada vez mais distante e antagônica pela falta de diálogo e confiança, a ponto de tornar-se essa relação motivo de desespero e patologias em ambos os lados.

Consideramos isso, por acreditarmos que a escola para ser produtiva e realizar seu papel social, precisa ser um espaço acolhedor, afetuoso e rico de significação. Sendo assim, nossa proposta é fomentar práticas e atividades que proporcionem uma diminuição dos casos de indisciplina. Pretendemos com isso que essa intervenção contribua para criar um ambiente de aprendizagem colaborativa e de desenvolvimento da cidadania.

Como o presente trabalho trata-se de um Plano de Intervenção nossa metodologia obedecerá a ordem que esse modelo de trabalho nos oferece. A princípio realizaremos uma

caracterização da escola objetivando conhecer panoramicamente a realidade alvo da intervenção.

Em seguida, a luz de um referencial teórico, procederemos com a elaboração do diagnóstico da realidade escolar a fim de conhecermos a essência dos problemas mais pertinentes à intervenção. Para tanto faremos observações *in loco* da vivência de alunos e profissionais da escola, assim como realizaremos entrevistas junto a professores, alunos e profissionais, destinadas a elucidar as relações sociais hora estabelecidas. Aplicaremos questionários para levantamento de informações relacionadas a visão dos alunos a respeito dos atos de indisciplina.

Por último pontuaremos o problema da indisciplina escolar para em seguida apontar estratégias e ações dirigidas a reduzir seu impacto sobre a formação educacional dos alunos. Pretende-se promover uma mudança de postura e atitude de profissionais e alunos destinada a diminuir os índices de indisciplina e violência e fomentar uma cultura de paz na instituição. As ações propostas são:

- Reuniões pedagógicas para discussão dos problemas e apresentação das propostas do Plano de Intervenção;
- Viabilizar a realização de palestras com profissionais de áreas como: educação, serviço social, psicologia e segurança pública;
- Realizar reuniões entre Professores e coordenação pedagógica de forma periódica para elaboração de mutirões a fim de promover eventos comemorativos para aproximar as famílias da escola, objetivando a comunhão entre os membros da comunidade escolar;
- Deliberar, colaborativamente, as regras de convivência da escola através de reuniões envolvendo alunos, professores e representantes da comunidade;
- Implantar, junto a coordenação pedagógica, um livro de registro para acompanhamento sistemático das ocorrências de indisciplina para realizar um acompanhamento individualizado dos alunos;
- Criar uma equipe interdisciplinar de professores que orientará e supervisionará a criação de um jornal estudantil na escola;
- Promover um trabalho de ajuda mútua entre a escola e a Rede de Proteção à Criança e ao Adolescente, orientado pela direção da escola junto aos órgãos de governo, visando dispor do auxílio técnico desses órgãos e entidades;
- Organizar, no interior da escola, seminários objetivando discutir e conscientizar seus profissionais e alunos acerca do Estatuto da Criança e do Adolescente.

No primeiro capítulo vamos realizar um levantamento bibliográfico destinado a construção de um referencial teórico que fundamente e alicerce as discussões e reflexões aqui pretendidas. O objetivo dessa etapa é elucidar conceitos e questionamentos teóricos que assegurem confiabilidade e credenciamento ao nosso trabalho, para tanto buscamos autores que discutem a temática da indisciplina escolar dentro de diferentes abordagens.

Em seguida o segundo capítulo do trabalho fará um diagnóstico do referido contexto escolar, a fim de identificar causas e implicações das situações de indisciplina sobre o processo de ensino-aprendizagem promovido na instituição. Trará um levantamento de situações e problemas identificados a partir de questionários aplicados a alunos e professores e nossas observações sobre a referida realidade.

Por fim, no terceiro capítulo, nosso plano de intervenção se propõem a oferecer a indicação de um conjunto de ações pertinentes para ajudar o desempenho do trabalho pedagógico, melhorar o aprendizado, assim como relacionamento entre os membros da comunidade escolar. Essas ações demandarão a colaboração e envolvimento dos diferentes atores que constituem os profissionais, sociedade civil e o Estado responsáveis pela proteção e cuidado com nossas crianças e adolescentes .

REFERENCIAL TEÓRICO:

Ultimamente temos observado como a velocidade da produção material e intelectual vem se transformando e sendo transformador da sociedade contemporânea, e em decorrência disso, percebemos que mudanças nas relações interpessoais são também inevitáveis. É evidente que junto ao processo de globalização, a cultura das relações sociais e a construção do tecido social têm assumido formas cada vez mais voláteis e diversas.

Dispondo dessa observação, reconhecemos o papel de destaque que a educação formal deve cumprir para o fornecimento da compreensão e ordenamento dos indivíduos nessa nova sociedade, especialmente, no universo educacional. Nesse aspecto, o ensino acompanhando essas novidades, vivencia o desafio de suprir de maneira satisfatória as demandas geradas pela necessidade de ressignificação de valores e paradigmas das nossas convicções.

Dentro dessa perspectiva, a crise de paradigmas tem sido apontada como justificativa para as dificuldades e, até mesmo, inoperância que algumas instituições de ensino tem enfrentado (Gadotti, 2000). A dinâmica dos novos modelos produtivos, a cultura tecnológica e os relacionamentos em rede têm exigido das escolas e seus profissionais uma releitura permanente de sua atuação e responsabilidade social.

Dentro dessa perspectiva devemos inserir as iniciativas empreendidas pelo Estado brasileiro no sentido de promover a universalização do ensino. Contudo, esse não veio acompanhado da qualidade da educação (Gadotti, 2000). A demonstração disso revela-se em escolas que passaram a receber um quantitativo de alunos muito maior, principalmente, em suas diferenças e particularidades, circunstâncias que muitas vezes tornam-se motivos de atritos e embates no seio escolar.

Nesse âmbito das inovações e a respeito do papel das tecnologias da informação na educação, Levy (2000) nos alerta sobre os novos paradigmas epistemológicos que permeiam a sociedade atual e observa a volatilidade e a obsolescência do conhecimento e da informação. A crescente exigência por competências intelectivas e a “virtualização” do conhecimento permitida pela intensa exploração das novas tecnologias da informação e da comunicação - TIC. Sem dúvida as novas formas de aprender e utilizar o conhecimento tiveram que sofrer alterações significativas sobre seus conceitos e pilares de sustentação. Falamos de uma nova relação do homem com o saber e as maneiras de se apropriar deste. Nesse sentido, o processo de ensino e aprendizagem exige mudanças significativas sobre a organização e a natureza da

educação atual. Levy (2000) nos fala da construção de um conhecimento aberto, flexível e contínuo.

A esse respeito, Kenski, analisando a lógica do ensino na sociedade atual nos afirma.

Nessa nova realidade, o ensino oferecido por um grande número de instituições educacionais não apresenta a ansiada qualidade exigida socialmente. Os paradigmas da educação tradicional, baseada na educação compulsória e massiva para todos os estudantes, já não satisfazem. O modelo de educação vigente até este momento, criado de acordo com os parâmetros da era industrial, valoriza o ensino rotineiro e repetitivo. Possibilita a produção em série de estudantes que, durante anos seguidos, perseguiram programas lineares de disciplina, visando alcançar um “produto”, uma “formação” idealizada no âmbito educacional, mas que não corresponde às suas necessidades pessoais e profissionais” (2006, p. 91-92)

Nesse universo de dinâmica produtiva e ampliação do acesso a informação e ao conhecimento, assistimos também o despontamento de uma gama de potencialidades na atual geração de educandos que nem sempre consegue ser lapidada e desenvolvida nas escolas. Parte disso deve-se a predominância de práticas pedagógicas massificadoras em muitas escolas brasileiras. E em função desse distanciamento entre o paradigma escolar e o cotidiano dos alunos, as expectativas sobre o ensino acabam se frustrando ou desdobrando-se em casos de indisciplina ou violência.

Para Delors (1998) a educação precisa estar fundada em quatro principais pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser. Dito em outras palavras, torna-se imprescindível promover uma educação que se funde nas necessidades do indivíduo, em suas experiências de vida e potencialize sua capacidade criativa e autônoma de desenvolvimento. Para, desta forma, poder atingir o propósito de fomentar a capacidade necessária ao enfrentamento das instabilidades e turbulências da nossa sociedade.

Nessa perspectiva estão inseridos os grandes dilemas lançados sobre o ensino e a educação em nosso país. Especialmente aqueles que refletem diretamente as angústias e preocupações presentes no campo social, como a banalização da violência. Nesse aspecto, a escola enquanto espaço social e de construção de relações ao mesmo tempo é reflexo e reprodutora da insegurança, exclusão e violência da sociedade em que está inserida.

A violência escolar aparece em nossas considerações em função de que esta não pode ser dissociada da indisciplina, uma vez que a ausência de intervenções incisivas e salutares sobre as práticas disciplinares, muitas vezes resulta, em seu desdobramento, em atitudes violentas dos próprios alunos. Assim, ambos os problemas encontram eco em circunstâncias semelhantes de discriminação, desigualdade, intolerância, falta de diálogo e reflexão sobre os instrumentos pedagógicos.

Segundo Abramovay (2002) a violência nas escolas tem origem em dois tipos de fatores: os externos e internos. Os externos estão relacionados a situações de desemprego, pobreza e drogas que fazem parte da realidade na comunidade que circunda a instituição de ensino. Considerando assim que a escola torna-se um termômetro dos desafios e obstáculos vivenciados por sua comunidade.

Já os internos dizem respeito a deficiências que a própria instituição e seu trabalho apresentam, como falta de qualidade e de busca pela excelência do ensino, assim como a ausência da garantia e defesa dos direitos de crianças e adolescentes.

A esse respeito Abramovay ainda afirma:

O debate sobre os fatores externos e internos, associados à violência no ambiente escolar, é bastante controverso e delicado, pois a tendência é enfatizar os primeiros, o que amenizaria a responsabilidade do sistema escolar, tanto diante do próprio fenômeno quanto do seu enfrentamento. O ideal, porém, é não isolar um único fator como possível causa ou antecedente. Prefere-se, em lugar disso, identificar conjuntos ou ambientes favoráveis à violência. Por isso, além de enfoques multidimensionais, vários autores defendem a importância da abordagem transdisciplinar, com a contribuição da sociologia, da ciência política, da psicologia, das ciências da educação e da justiça criminal. (2002 , p. 31)

Nessa perspectiva de compreender a violência no âmbito das escolas, torna-se salutar que as reflexões pedagógicas evidenciem uma abordagem interdisciplinar e condizente à diversidade cultural dos alunos. Nessa medida, segundo Delors (1998), o universo escolar é onde melhor se evidenciam as oportunidades para gestão das diferenças, talentos e habilidades ímpares de cada indivíduo. E dessa maneira oportunizar diversas possibilidades de desenvolvimento pessoal e profissional. Contudo, a manutenção de políticas educacionais engessadas e práticas pedagógicas obsoletas comprometem o sucesso desse objetivo, oferecendo como resultado a reprodução da violência e desigualdade vigentes na sociedade.

A respeito desse desafio e dilema Chrispiano nos diz que:

Escola é o espaço que a sociedade acredita ser o ideal para reproduzir seus valores tidos como importantes para sua manutenção. Ocorre que a própria família, em crise e em transformação como outras instituições sociais contemporâneas, passou a delegar à escola funções educativas que historicamente eram de sua própria responsabilidade, o que acarretou uma mudança no perfil de comportamento do aluno. Por outro lado, a massificação da educação trouxe para dentro do universo escolar um conjunto diferente de alunos, sendo certo que a escola atual – da maneira como está organizada e da maneira como foram formados os professores –, só está preparada para lidar com alunos de formato padrão e perfil ideal. (2008, p. 599)

Considerando por esse viés, devemos observar mais atentamente o conjunto das relações que se estabelecem no decorrer da vivência escolar. Nesse sentido, autores como Abramovay (2002) nos ensinam que as práticas autoritárias das instituições de ensino bem como dos professores, tornam-se demasiadamente coercitivas despertando reações adversas nas atitudes dos próprios alunos. Indica ainda que a falta de diálogo e cumplicidade torna as regras regimentais um obstáculo à relação dos alunos com a instituição e as pessoas naquele ambiente.

Acerca das implicações e dificuldades dessa convivência Marriel *et al* nos mostra que:

Pode-se considerar ainda a instituição de ensino e os educadores como possíveis agentes de violência, mediante ações como a imposição de conteúdos destituídos de interesse e de significado para a vida dos alunos, o precário conteúdo ministrado, a pressão a partir do poder de conferir notas, a ignorância quanto aos problemas dos alunos, o tratamento pejorativo, incluindo as agressões verbais e a exposição do aluno ao ridículo, no caso de incompreensão a algum conteúdo de ensino. (2006, p. 3)

Segundo Anser *et al* (2003) os valores instáveis do mundo atual são potenciais para elevação dos índices de violência na sociedade como nas escolas e muitos jovens sentem dificuldade em conter sua agressividade fazendo muitas vezes desembocar na violência. Ainda, destaca que os professores nem sempre estão teórica e pedagogicamente instrumentalizados para lidar com essas novas situações tornando-se infelizes e improdutivos.

A respeito da visão que professores tem sobre o problema da violência escolar Anser *et al* nos ensina:

Vale enfatizar que, embora o conceito de violência esteja ligado ao aspecto social, sendo as categorias valores e relações humanas determinantes para a organização deste, observou-se que apenas os alunos foram considerados pelos professores agentes desse tipo de ação. Os educadores colocam-se fora desse sistema de relações, no qual ocorre a violência, talvez por indiferença ou indefinições de papéis e habilidades insuficientes para agir diante de situações em que a violência ou aspectos que a determinem estejam em evidência; apesar de ser agente do sistema no qual a violência se manifesta e reproduz, também é sua vítima. (2003, p.10)

Para Anser (*et al* 2003) os professores atribuem a violência e agressividade dos alunos a causas socioeconômicas, culturais, mas, contudo, o autoritarismo desses profissionais favorece também às reações violentas. Uma vez que, os adolescentes impelidos pelo desejo de transgredir regras e construir seu próprio lugar no espaço social, desafiam o professor como enfrentam as imposições dos seus pais.

Dentro dessa discussão acerca do desempenho de métodos e planos educacionais devemos inserir a questão da indisciplina no ambiente escolar como tema relevante para as

incursões teóricas a respeito da proposta de uma educação de qualidade. Nesse sentido, diversos autores têm sinalizado com reflexões pertinentes que visam operar mudanças importantes sobre a visão tradicional da educação. Apontam para necessidade de uma ressignificação das práticas pedagógicas e gestão escolar a fim de retirar algumas escolas da inércia e inoperância em que se encontram.

Trabalhando a questão da indisciplina escolar, Fontana (2007) diz que a falta de “limites” e a permissividade oferecida pelos pais compromete e sobrecarrega o trabalho do professor que dessa forma ver-se encurralado pela responsabilidade de gerir as implicações dessa nova realidade. O choque entre as dimensões formal e informal da educação sempre suscitaram uma análise pertinente dos resultados de uma e de outra instituição, ou seja, família e escola.

Dessa forma, a indisciplina será aqui analisada como um comportamento transgressor às regras e ao aparato institucional da escola que não encontra-se preparada para equalizar a multiplicidade de pontos de vista e experiências de vida trazidas ao seu interior pelos alunos. Muitas instituições de ensino e professores estão preparados apenas para trabalhar com alunos comportados e disciplinados e fracassam quando encontram realidades diferentes a essa. Diante dessa situação o aluno indisciplinado torna-se incompreendido, prejudicado em sua aprendizagem e responsabilizado pela dificuldade didática dos professores.

Acerca desse dilema Fontana nos ensina que:

Se for verdade que a atitude indisciplinada do aluno tem suas raízes no convívio familiar, entretanto, não se pode negar que, uma vez que este tipo de atuação já está cimentado, cabe ao professor preparar-se para lidar com este tipo de situação, através da reflexão contínua sobre o fazer pedagógico e de um trabalho de formação continuada em que mantenha contato com os estudos mais atuais sobre comportamento e limites. (2007, p. 3)

Muitos autores discutem as causas da indisciplina no ambiente escolar a partir do aspecto da vulnerabilidade social que segundo Marriel (*et al* 2006) é responsável pela redução do nível de socialização dos alunos e assim permite o recurso da violência como instrumento de convivência. Em comunidades onde prevalece a precariedade material e a falta de políticas afirmativas por parte do poder público, recai sobre a escola o papel de principal instrumento de inserção dos indivíduos na sociedade. No entanto, como nos ensina Abramovay (2002) quando as estratégias de ensino não são adequadas o ambiente escolar reproduz a violência, desigualdade e exclusão da sociedade ao seu redor.

A dificuldade de relacionamento e convívio harmonioso entre alunos e entre estes e os professores tem merecido especial atenção de pesquisadores que se dedicam ao estudo da educação no Brasil. Isso deve-se, em parte, aos desafios que a indisciplina escolar tem provocado ao desempenho do trabalho de muitos profissionais da educação. Tornando-se um dos motivos para a baixa procura pelos cursos de licenciatura e a carreira de professor em nosso país.

A respeito desse desafio profissional Lopes e Gomes nos mostram que:

Professores de hoje buscam ansiosamente meios para compreender os processos sociais na sala de aula e as alternativas que o auxiliem a proporcionar um clima de convivência propício ao desenvolvimento da aprendizagem. De fato, num ambiente caótico e ruidoso é mais difícil, se não impossível, aprender, em particular, aprender a conviver. Por isso mesmo, alunos de licenciatura temem a sala de aula e pedem mais prática, com mais teorias aplicadas aos problemas que enfrentarão (2012, p. 262)

Diante disso, podemos observar a existência de uma necessidade latente no sentido de preparar e qualificar os profissionais da educação para as novas abordagens do ensino na atualidade. Nessa direção Lopes e Gomes (2012) reconhecem a importância de criar novos paradigmas da disciplina escolar, não compreendida como ser dócil e submisso, mas como resultado positivo da construção do diálogo e aceitação de regras.

Em relação as perspectivas dos profissionais sobre esse desafio Lopes e Gomes nos revelam que: “Atualmente, muitos professores e alunos se queixam das dificuldades do desenvolvimento do processo pedagógico, bem como do mínimo respeito para que se desenvolva uma convivência possível.” (2012, p. 263).

Nesse âmbito, as práticas indisciplinadas no ambiente escolar são encaradas pelos professores como desmotivação e insubordinação dos alunos a qualquer tipo de regra ou orientação que o retire da condição de poder fazer o que quiser. Contudo, muitos trabalhos têm apontado para direção de uma crise de autoridade subjacente ao contexto histórico no qual nossas escolas estão inseridas. Para Marriel (*et al* 2006) a crise de autoridade dos professores é acompanhada pela incapacidade desses profissionais de criar mecanismos justos e democráticos para tomada de decisões e para a gestão do ambiente escolar.

A esse respeito a própria Marriel *et al* nos elucidam que:

De maneira geral, a violência manifesta uma afirmação de poder sobre o outro e a conquista desse poder é o que gera as diversas formas de violência. Suas ocorrências são consequência das práticas cotidianas de discriminação, preconceito, da crise de autoridade do mundo adulto ou da fraca capacidade demonstrada pelos profissionais de criar mecanismos justos e democráticos de gestão da vida escolar. De modo geral,

as escolas lidam com esses conflitos valendo-se de um elenco de procedimentos formais e informais, modelados diferentemente, de acordo com as características de cada direção ou projeto pedagógico. (2006, p. 38)

Para Godoy *et al* (2006) a indisciplina está associada as fases do desenvolvimento da moralidade de Piaget (Anomia, Heteronomia e Autonomia). Dessa forma, quando a criança ou adolescente conquista sua autonomia, a mesma passa a forjar suas próprias regras, seu ponto de vista sobre a sociedade e o espaço das suas relações sociais. Com isso, o encontro de opiniões divergentes, nem sempre acompanhado pela reflexão relativista dos adultos, tem oportunizado as reações de tensão e embates entre ambos os lados.

Nesse âmbito a demanda mais urgente que recai sobre as instituições de ensino encontram-se em criar formas de construir processos de convivência que sejam igualmente significativos e que façam sentido para a lógica de professores e alunos. Apenas assim, numa relação justa e democrática poderá transformar o nível das relações estabelecidas no universo escolar.

No que tange a necessidade de repensar a forma de tomada dos processos decisórios na escola Godoy *et al* nos demonstra que:

O estabelecimento de regras e a maneira como os alunos percebem essas regras está na base desta reflexão sobre a indisciplina, pois, ao discutir as relações entre moralidade e indisciplina, devemos estar atentos aos princípios subjacentes às regras implantadas e elaboradas pela escola: em especial, o princípio de justiça e a forma como a regra é estabelecida, ou seja, se o princípio é o da coação, por exemplo. Assim, ao considerarmos um ato indisciplinado ou não, necessitamos conhecer a natureza das regras que regem o grupo ao qual o sujeito pertence e a forma como as regras foram estabelecidas. (2006, p.3)

Ainda segundo Godoy *et al* (2006) o ambiente por vezes hostil e pouco convidativo e acolhedor da escola pode potencializar uma agressividade que já é inata ao ser humano, assim como as privações concorrem para fortalecer esse comportamento. Dessa forma, a indisciplina resulta de condições sócio históricas nas quais os indivíduos estão inseridos. Pensando dessa maneira a possibilidade de alcançar soluções que possam diluir os efeitos negativos das práticas indisciplinadas sobre o processo de ensino aprendizagem passam necessariamente por reflexões sobre a realidade social que perpassa a vida desses indivíduos.

Diante dessa dinâmica, e acerca da reconfiguração de papéis que o ensino atual nos impele, Prata nos instrui que:

a suposição é que a subjetividade hoje se produz diferentemente do que se produziu, por exemplo, no início do século XX. De modo não casual, a instituição escolar fez e faz parte dessa produção, uma vez que, se por um lado ela é um lugar fundamental na constituição da subjetividade, por outro também está inserida num amplo

contexto. Nesse sentido, a engrenagem da escola é atravessada e marcada pela configuração social, mas também tem o papel de definir o sujeito, seja por meio das relações de poder entre professores e alunos, seja na forma pela qual concebe a aprendizagem e transmite o saber. (2010, p. 26)

Nessa perspectiva os atos de indisciplina e violência podem ser enxergados como a manifestação da dificuldade dos alunos em integrar-se ao universo escolar. De outro modo, pode ser encarada como uma reação do aluno à sua incompreensão sobre o significado de valores e posturas que não aprazem suas experiências de vida. Desse modo, o comportamento antissocial e a dificuldade de relacionamento podem soar como um pedido de socorro diante da opressão sobre a qual encontra-se submetido.

Para Marriel *et al* (2006) o melhor desempenho educacional e formação social, afetiva e intelectual da criança e do adolescente está relacionada a autoestima dos indivíduos estabelecida em sua relação com as pessoas do seu círculo social. Sendo assim, essa condição torna-se reflexo do comportamento afetivo que encontram na convivência significativa com pais, professores e amigos.

Desta forma, as práticas autoritárias e pouco acolhedoras dos profissionais do ensino provocam repulsa, intimidação ou mesmo ameaça sobre alunos que se defendem através de uma atitude introspectiva ou mesmo indisciplinar e violenta. Enquanto isso, o comportamento transgressor torna-se alvo de crítica e punições que vitimam os alunos, comprometem seu rendimento escolar e sacrificam suas oportunidades.

Na visão de Marriel *et al* (2006) o sentimento negativo que incide sobre os alunos, vitimados pelo autoritarismo dos professores e pela discriminação sofrida em razão do seu insucesso escolar, os tornam desencorajados e desmotivados. Circunstâncias essas, que por vezes, fazem manifestar sentimentos de aborrecimento que se torna a porta de entrada para práticas indisciplinadas e violentas. Em consequência, a incapacidade da instituição em sanar esses problemas leva o aluno a desistir da educação.

A respeito dos desafios que perpassam os novos paradigmas do ordenamento institucional das escolas e as novas abordagens sobre a disciplina escolar Garcia ensina que:

Na atualidade, embora persista uma certa tendência a encarar a indisciplina como problema que exige a implementação ou mesmo o refinamento de mecanismos de controle da conduta na escola, a serem exercidos pelos educadores, encontramos outras formas de leitura pedagógica, que atribuem pressupostos distintos ao trabalho educacional. Se a escola deseja proporcionar o desenvolvimento da autonomia, precisa rever suas noções e práticas de disciplina. O quanto a escola tem conseguido realizar, e pretende avançar nas próximas décadas, com uma disciplina baseada em mecanismos de controle social? Parece-nos que o avanço na democratização, nas práticas pedagógicas e nas próprias tecnologia digitais que hoje se apresentam nas

escolas tendem a colocar em questão diversos mecanismos de controle social tradicionalmente exercidos pelos professores. Mas as mudanças nas visões sobre disciplina não ocorrem sem resistências, recuos e muito debate. (2009, p.313)

Diante dessa visão é salutar reconhecermos a necessidade dos professores reposicionarem seu papel no espaço da sala de aula. Desarmar-se da ideia de detentor do conhecimento e por isso acreditar numa suposta hierarquia que o posiciona em condição de superioridade e imperatividade sobre seus alunos. O avanço dos princípios democráticos e da sociedade liberal de direitos nos conduz à perspectiva de reinventarmos os papéis sociais e buscarmos construir relações mais horizontais nos vários espaços, incluindo as escolas.

Nessa perspectiva, estão inseridos os trabalhos que discutem os novos significados para as relações de poder que se estabelecem no seio escolar. A esse respeito podemos apontar as reflexões de Prata (2010) ao questionar a eficácia dos modelos das tradicionais sociedades disciplinares como instrumento de análise da realidade escolar. Nessa direção, a autora defende que a “disciplina” escolar é uma herança das sociedades disciplinares criadas a partir do século XVIII, nas quais os instrumentos de poder e a hierarquia social estavam a serviço da manutenção ordem e submissão dos indivíduos. Os mecanismos de controle social tinham o propósito de impor a docilidade e a obediência como valores indispensáveis ao crescimento econômico e progresso social.

Acerca dessa ressignificação do paradigma da disciplina / indisciplina Lopes e Gomes nos remetem a seguinte reflexão:

Ao longo do tempo, a disciplina/indisciplina foi concebida de diferentes perspectivas pelas concepções pedagógicas. Cada corrente buscava estabelecer coerência entre seus pressupostos e objetivos e, quando bem executada, atendia aos mesmos. O problema a ser questionado na atualidade é: os pressupostos e objetivos de alguma(s) pedagogia(s) ainda são adequados e suficientes para a formação do aluno hoje, vivendo em regime democrático e num mundo complexo e instável? A resposta é negativa e pode ser revelada pelas tentativas fracassadas de escolas e professores que não conseguem manter os alunos em ordem, ou em modelo “figurino”. (2012, p. 265)

Ainda para Lopes e Gomes (2012) os métodos disciplinares se justificavam, pois permitiam o controle do corpo e da inteligência dos indivíduos, colocados a serviço de um propósito maior e coletivo dentro do organismo social. Visto dessa forma, a intenção da instituição escolar sempre foi a de civilizar e disciplinar seus alunos. No entanto, esses métodos posto no contexto da sociedade atual têm servido como propulsores das práticas de indisciplina, incivilidade e violência no meio escolar (GARCIA, 2006).

A partir da última década do século XX cada vez mais se percebe um rompimento entre a ideia de educação vinculada com a disciplina dos alunos. Posto dessa forma o conceito de educação formal dentro de planos e diretrizes engessadas começa a merecer seus questionamentos.

Comungando dessa percepção Garcia nos revela sua reflexão afirmando que:

A escola, sem destoar da conjuntura histórica mais ampla que a ronda e perpassa, encontra na indisciplina uma fonte de instabilidade do seu projeto normativo e pedagógico, projeto que vem elaborando há séculos. Nas escolas, diante das expressões de indisciplina, padecem os educadores, sem talvez um projeto de ação alternativo, e ainda por conquistar uma formação mais adequada e que lhes proporcione melhores recursos para enfrentar os tantos desafios que encontram no ambiente educacional. No ambiente escolar, as indisciplinas, particularmente nas últimas décadas, teriam se tornado expressões usuais, rupturas com as quais os professores precisam conviver em sala de aula. A indisciplina estaria desenhando um cenário indesejável, sobretudo nas salas de aula, onde persiste disputando e conquistando um espaço considerável do currículo escolar. (2006, p. 125)

Embalado por essa interpretação podemos perceber como a sobrevivência da instituição escolar está condicionada a necessidade de uma autorreflexão profunda das relações entre seus vários atores sociais. A perspectiva de uma nova educação com métodos e objetivos diferentes, se vislumbra, ainda mais, a cada momento. Especialmente o olhar que deve ser lançado sobre a indisciplina escolar carece de uma nova percepção.

Segundo Garcia (2006) a indisciplina pode ser encarada como uma forma de ruptura no contrato das relações sociais. Em função disso, a educação cada vez mais está dividida entre regulação e a emancipação que diante do quadro atual dos desafios educacionais essa ruptura de paradigma coloca essa instituição em permanente estado de instabilidade. Para os professores a indisciplina é vista como incivilidade, ou seja, rompimento das regras de boa convivência. Responsabilidade que muitas vezes lançam sobre o convívio familiar permeado pela permissividade e ausência de regras. Contudo, os professores costumam entender que a escola é um reflexo da sociedade e por isso absorve os problemas e questionamentos da comunidade ao seu redor. E como instituição de ensino, de promoção do conhecimento e reflexão, deve intervir e lançar ações que coadunem com esse novo tecido social.

A respeito dessa discussão Garcia nos diz que:

Esse modo de percepção dos professores pode ser usado para justificar um conjunto de entendimentos e ações que colocam no centro o aluno como um sujeito a ser *trabalhado*, o que poderia se reduzir a noção de *modificado*, ou, de um modo ainda

mais autoritário, a ser *controlado*. Isso certamente implica determinados papéis a serem exercidos pelos professores em sala de aula, particularmente relacionados (e talvez restritos) a formas de controle social. (2009, P. 317)

Nesse sentido, podemos perceber como o avanço dos valores democráticos e a ampliação dos direitos individuais têm cada vez mais proporcionado o surgimento de um ambiente de contestação e individualização dos atores sociais. Desta forma, os instrumentos educacionais mecânicos e massificadores não conseguem contemplar as diversas expectativas e possibilidades de construção de conhecimento em nossa sociedade. Diante disso, a grande disponibilidade de informação acessível ao alunos, mediante as novas tecnologias, retira da escola e do professor o papel de detentor exclusivo do conhecimento.

Garcia (2009) no estudo das representações dos professores acerca da indisciplina escolar constatou que: A indisciplina é um comportamento inadequado do aluno ao processo de ensino-aprendizagem; a indisciplina não é resultado da ação de um indivíduo, mas do conjunto de relações em sala de aula; e por fim, a indisciplina seria uma mensagem cultural de mudanças em um novo contexto histórico atual. Dessa maneira, o trabalho de intervenção sobre as práticas indisciplinadas padece, em função de uma visão que individualiza cada caso e coloca a questão como problema de conduta pessoal dos responsáveis pela ação. Enquanto que, a melhor solução para esse dilema passa por um olhar multifatorial de suas causas e implicações.

Nesse sentido, Fontana (2007) entende que as ações punitivas oferecidas aos alunos indisciplinados deveriam ser substituídas pela responsabilização dos indivíduos, fazendo-os entender o significado das consequências dos seus atos e como podem ser reparados, ao invés de punir como instrumento de poder e autoridade. Para Marriel *et al* (2006) as escolas deveriam adotar medidas preventivas e não repressivas no tratamento aos casos de indisciplina e violência.

A esse respeito Marriel *et al* nos orienta que:

A premissa do professor forte e aluno fraco precisa ser desenraizada das práticas educativas. A escola regida pelo modelo tradicional, com o manejo da classe nas mãos do professor e os alunos em posição de obediência e subalternidade, perdeu-se no tempo. A hierarquia fica menos visível na sala de aula onde vigoram a discussão e os novos modelos de relações entre professores e alunos. Esses modelos com maior elasticidade e tolerância, produzem relacionamentos menos violentos e mais prazerosos. Contudo, implicam novas definições de disciplina. (2006, p. 46-47)

Partindo do reconhecimento da necessidade de uma renovação das propostas de ensino, Anser *et al* (2003) credita parte desse problema ao fato de que os professores não conseguem tornar seu trabalho significativo, nem tão pouco estabelecer laços de confiança com os alunos a fim fortalecer os laços afetivos imprescindíveis ao processo de aprendizagem. A violência das crianças e adolescentes está vinculada, principalmente, a fatores emocionais, com os quais ainda não sabem lidar como agressividade, frustração e baixa autoestima. Para Lopes e Gomes (2012) as práticas pedagógicas pautadas na centralidade do professor e perspectivas autoritárias estão ultrapassadas. Valores de autodisciplina e convivência democrática tornam-se muito mais produtivos e eficazes na condução dos conflitos no ambiente escolar.

A respeito Anser *et al* nos diz:

Por mais que se reúnam em associações, por mais que busquem cursos de aprimoramento profissional, os professores continuarão sozinhos. Não sabem mais o que estão fazendo na escola e não conseguem situar-se em uma cadeia simbólica, que fica entregue ao julgamento de suas idiossincrasias. O professor deixou de ser representativo, não fala mais em nome de uma ordem transistórica que o supera e está jogado à sua imediata e trágica particularidade. No caminhar sozinho, o professor deixa passar sua fragilidade, insegurança, medos e angústias. Justifica possíveis falhas no trabalho diário com os alunos responsabilizando o sistema por uma administração falida e corrupta, não assumindo o seu papel de educador. (2003, p. 10)

Caminhando nessa mesma direção, Fontana (2007), diz que os professores precisam melhorar a relação dialógica com os alunos. E que estes esperam da escola uma pedagogia que proponha o uso de informações rápidas e eficientes que tornem as aulas atrativas e produtivas. Na opinião de Garcia (2009) os casos de indisciplina podem ser positivos aos professores na medida em que oportuniza que saiam da sua zona de conforto e comecem a refletir suas práticas. Desta forma, apenas quando os profissionais do ensino, que se encontram num estado de letargia, assumirem uma postura mais dinâmica e criativa em sua atuação profissional, vislumbraremos um quadro mais positivo sobre a oferta do ensino em nosso país.

Levando em consideração a proposta dialógica do ensino, devemos encarar a indisciplina não como um obstáculo, mas como uma oportunidade para alavancar mudanças importantes no âmbito social. Na medida em que o conceito de cidadania pressupõe participação do indivíduo no processo decisório do seu universo social, a escola então, é o espaço onde alunos devem manifestar opiniões e buscar afirmar seu papel dentro da

sociedade. Dessa forma restringir a liberdade de opinião, a autonomia e a criatividade do aluno configura num desserviço na construção da cidadania.

A esse respeito Garcia nos ensina que:

Na escola, a cidadania, enquanto aprendizagem e exercício social efetivo, precisa se referir não somente ao acesso a diversas formas de conhecimento, mas a uma prática social de respeito, de igualdade, de dignidade, e de participação, por exemplo. A cidadania, assim, pode ser entendida como uma forma de construção ativa e não somente como um modo informado de participação social, política. A cidadania também pode ser pensada como construção de identidade. (2006, p. 129)

Dessa forma, as escolas carecem de um projeto de gestão e postura pedagógica condizente com essa nova demanda por cidadania. Pensando nisso, para Garcia (2006) é imprescindível reinventar a noção de respeito para todos e assim ampliar o diálogo entre os membros da escola, alunos, professores, profissionais e comunidade escolar. Compartilha dessa mesma perspectiva Abramovay (2002) quando fala sobre a necessidade de maior integração entre todos os funcionários da escola, na busca de uma sintonia fina no enfrentamento dos desafios. Para a autora uma proposta de solução passaria pela mediação de conflitos entre os personagens da violência, maior diálogo e ampliação da participação.

Na opinião de Lopes e Gomes (2012) seria interessante substituir a coerção pela cooperação nas relações estabelecidas com os alunos, inspirando segurança e cumplicidade entre as partes. Apontam ainda a necessidade de adequação do currículo à essa realidade social e escolar multicultural.

Sendo assim, constatamos que os obstáculos que a educação formal tem enfrentado em decorrência das práticas indisciplinadas dos seus alunos, como baixo rendimento, dificuldade de relacionamento e desmotivação pelo ensino carecem de uma reflexão profunda que redefina os papéis de professores e alunos no universo escolar. Para assim, engendrar ações pedagógicas que fomentem os desafios de formar o cidadão em nossa sociedade.

DIAGNÓSTICO:

A elaboração do diagnóstico escolar cumpre uma etapa decisiva no processo de construção do Plano de Intervenção. Torna-se indispensável para uma apreensão profunda da realidade sobre a qual pretende-se realizar a intervenção. Nessa fase do trabalho é possível lançar uma observação mais criteriosa da dimensão das relações que se estabelecem sobre um ambiente específico de trabalho.

A realização do diagnóstico mostrou-se um grande desafio, na medida que a necessidade de analisar esse ambiente escolar nos obrigou a descortinar nossa visão de professor da instituição para empregarmos um olhar de pesquisador. Foi necessário abandonar as impressões pessoais conduzidas pelo senso comum e pelas relações estabelecidas com colegas e alunos, para assim, dirigir nossas observações e reflexões de maneira objetiva tentando ser imparcial.

A instituição de ensino que se tornou objeto desse trabalho é a Escola Estadual Dr. Airton Teles, localizada nas proximidades da área central na cidade de Itabaiana. O público assistido compreende-se de alunos com baixo nível de renda ou até mesmo em situação de vulnerabilidade social. Isso fica evidenciado nos relatos de alunos que expõem dificuldades materiais e privações sobre as quais estão sujeitos, como alimentação insuficiente e moradias precárias. Muitos destes, em especial no turno noturno, dividem seu tempo dos compromissos estudantis, com tarefas laborativas para complementar a renda de suas famílias. Essa circunstância se deve ao fato de que a maioria dos alunos matriculados nesse turno são aqueles que estão em defasagem na relação idade/série. Dessa forma pertencem à uma faixa etária entre 15 e 18 anos, ainda sobre a tutela dos pais e buscando uma inserção, quase sempre difícil, no mercado de trabalho.

O universo pesquisado foram alunos, professores e profissionais que estudam e trabalham no turno da noite da Escola Estadual Dr. Airton Teles. Nossa escolha pelo recorte desse público para realização do trabalho se justifica pela intensa demanda de reclamações de professores e equipe diretiva da escola em relação ao comportamento dos alunos, especialmente no que se refere as práticas indisciplinadas dos mesmos. Essa constatação foi obtida durante as frequentes reuniões pedagógicas, nas quais professores expunham suas dificuldades para realização do trabalho docente.

Nossa atenção aos referidos alunos e profissionais também se motivou pelos resultados do rendimento escolar dos últimos anos para esse público alvo. Sobre o mesmo

incide altos índices de evasão e abandono, como revela a análise de desempenho realizada pela coordenação pedagógica ao término do ano letivo. Dessa forma, configurando-se uma realidade carente de intervenções capazes de transformar a relação da escola com esses alunos.

Um outro fator que influencia diretamente sobre a rotina de estudantes e profissionais, e que foi considerado ao elencar os sujeitos da pesquisa, é a preocupação com a violência que circunda a escola e alguns lugares onde residem alunos da instituição, em particular no turno da noite. Essa realidade fica patente nos testemunhos de experiências vividas por alunos, inclusive no percurso até a escola, quando os assaltos são frequentes. Além desses, ainda existem casos de homicídios e tentativa de homicídios que ocorrem nas imediações e, em relação aos últimos, até mesmo dentro da referida instituição. A exemplo do segundo semestre de 2014 quando indivíduos em perseguição a outro, fizeram o último buscar refúgio no interior da escola durante o período noturno das aulas, provocando pânico entre alunos e funcionários. Essas circunstâncias de violência de alguma forma impactam negativamente sobre o ambiente escolar, como podemos testemunhar em depoimentos de alunos que precisam retirar-se das aulas mais cedo ou mesmo abandonar a escola com receio e medo da violência, contudo esse não é o objetivo de investigação do nosso trabalho.

As reflexões que aqui serão lançadas resultam da realidade preocupante que permeia a educação, especialmente o ensino público, o que não torna uma surpresa as observações e constatações aqui levantadas acerca da referida instituição de ensino. Diante dessa circunstância a escola cada vez mais compromete sua função social de educar indivíduos para construção de mundo melhor.

Tomando como ponto de partida o referencial teórico oferecido pelo nosso curso de especialização em Direitos Infante-juvenis, as normativas determinadas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e a observação minuciosa sobre a realidade da escola onde atuo como docente, foi possível abrir os olhos para algumas situações que passavam despercebidas na rotina habitual de trabalho. Especialmente no tocante a série de violações de direitos dos alunos que constituem o corpo discente da referida instituição no período da noite. A partir de então a tarefa seguinte foi colocar-me em reflexão sobre essas circunstâncias para compreender o impacto que essas situações provocam sobre os casos de indisciplina nessa realidade pesquisada.

Nossa metodologia de pesquisa constou do levantamento de dados e informações junto a alunos e professores. Essa escolha se deveu por considerarmos esses sujeitos personagens

centrais na investigação sobre desdobramento do trabalho educacional, assim como sobre o objeto do nosso trabalho: a indisciplina no ambiente escolar.

Para tanto laçamos mão de diversos instrumentos para coleta de dados como observação *in loco* do comportamento de alunos e professores, conversas com alunos e professores sobre os desafios e limites da indisciplina na instituição. Aplicamos questionários abertos, aos professores, a fim de caracterizar sua impressão acerca do problema da indisciplina e questionários objetivos destinados à avaliar os pontos de vista dos alunos sobre essa mesma questão.

Para esse recurso de levantamento de dados aplicamos 55 questionários aos alunos. De um total de 213, regularmente matriculados no ensino fundamental e médio do turno noturno e que foram escolhidos aleatoriamente e representam um quantitativo de cerca de 25% do total. Nesses questionários os alunos não puderam ser identificados, a fim de preservar o anonimato das suas opiniões. Consideramos ser um universo suficiente de análise para diagnosticar a dimensão da indisciplina na perspectiva dos alunos, sobre os quais recai a responsabilização e vitimização dessas práticas.

No instrumento de coleta de dados proposto aos discentes fez-se questionamentos objetivando produzir informações sobre como os alunos enxergam e como compreendem a indisciplina no seu ambiente escolar, como pode ser visto em modelo no apêndice. Buscou-se dimensionar o impacto da indisciplina sobre sua vivência na escola. Apontar razões que mais os desmotivam a ir à escola, bem como perceber seu comportamento diante dos casos de indisciplina e identificar as razões que mais potencializam essas atitudes.

A participação dos alunos na elaboração desse diagnóstico foi de fundamental importância, ao passo que oportunizaram um equilíbrio de pontos de vista, acerca da indisciplina, oferecendo um contraponto há perspectiva dos professores. Como trata-se de um universo maior de análise, comparado ao dos professores, nossas reflexões foram lançadas sobre os resultados estatísticos provenientes das respostas oferecidas aos questionamentos objetivos. Sua pertinência se justifica pela necessidade de colocar o discente no âmbito das discussões que se projetam sobre a instituição de ensino e assim forjar propostas mais democráticas para gestão do ensino.

Aos docentes foram aplicados questionários abertos com 4 questionamentos, como pode ser observado em modelo no apêndice, destinadas a 6 professores escolhidos aleatoriamente que representam cerca de 50 % dos profissionais que atuam no turno noturno, a fim de explorar uma maior liberdade de ideias e expressão. Na medida em que, esses como

observadores e testemunhas das ações indisciplinadas, são capazes de reunir uma gama de experiências e pontos de análise ilustrativas da situação referida. As questões abertas dispõem do caráter de não limitar a abrangência das respostas, sendo assim, os inqueridos podem ampliar os horizontes das suas respostas enriquecendo a investigação. Os questionamentos sobre os mesmos, primou sobre dimensionar o impacto da indisciplina sobre o trabalho pedagógico. Identificar principais causas, bem como perceber o papel do professor sobre as atitudes dos alunos indisciplinados. E ainda relatar possíveis casos que tenham testemunhado em sua experiência docente na referida instituição.

Para tanto a participação destes fez-se, também, através do oferecimento de respostas e opiniões presentes num questionário aberto, sem que houvesse a identificação dos mesmos no referido instrumento. As contribuições desses profissionais foram muito relevantes no sentido de ampliar nossos horizontes de observação acerca do tema aqui proposto. Sendo assim a utilização das contribuições ora oferecidas, foram aqui exploradas através da identificação dos respectivos professores por letras alfabéticas (ex: x, y, z) objetivando preservar o anonimato dos mesmos.

Para melhor compreender essa realidade me detive, ainda, à lançar uma observação criteriosa do cotidiano e das relações que se estabelecem no interior da referida instituição de ensino, assim como lançar mão de conversas e questionamentos informais junto a equipe diretiva, professores, profissionais da escola e os próprios alunos. Dessa forma, tornou-se possível constatar potenciais fatores, que intrínsecos a essa realidade escolar, tornam responsáveis por produzir um ambiente de animosidade que ínsita as práticas indisciplinadas dos mesmos alunos. Essa observação foi salutar, no sentido de proporcionar uma clarividência nos rumos que tínhamos que oferecer ao prosseguimento do nosso trabalho, uma vez que o objetivo de estudo tornou-se mais inteligível. Entre os problemas levantados por essa observação podemos destacar:

- Em primeiro lugar é preciso citar a violação do artigo 53 incisos IV do Estatuto da Criança e do Adolescente que prevê direito de organização e participação em entidades estudantis, no entanto a inexistência destas na unidade de ensino inviabiliza a participação dos estudantis nos processos decisórios da escola.

- As formas de avaliação arbitradas pelos professores nem sempre são capazes de realizar um dimensionamento justo do aprendizado promovido. Visto as diferentes capacidades de aprendizado que cada aluno pode oferecer, bem como os pontos de vista

expressos para cada conteúdo e disciplina. Em função disso a relação professor/aluno cercada de tensão e atritos torna-se um espaço de disputa de poder entre os envolvidos.

- A falta de afetividade, em razão de motivos pessoais, de alunos e professores tem comprometido a criação de relacionamentos mais harmoniosos e de cumplicidade entre as partes. O afeto é fundamental para o acolhimento e a sensação de proteção necessária ao aluno. Diante dessa circunstância a confiança dos alunos na metodologia e direcionamentos oferecidos pelo professor fica comprometida ou ao menos fragilizada.

- As práticas discriminatórias entre alunos nem sempre são refletidas com a devida importância, conduzindo muitos alunos ao desinteresse em relação a escola e a educação. Além de configurar uma violência com consequências permanentes para o desenvolvimento intelectual e afetivo dos indivíduos.

- A elaboração das regras de convivência da escola é de competência exclusiva da direção e professores, negligenciando aos alunos a possibilidade de opinar sobre a criação de um ambiente mais atrativo e proveitoso à comunidade escolar. A falta de uma relação dialógica entre professores e alunos limita o potencial produtivo, criativo e de construção de uma cultura cidadã no ambiente da referida instituição.

- Os conflitos entre alunos e entre professores e alunos nem sempre são resolvidos através de um diálogo equilibrado e horizontal no qual o ponto de vista dos alunos seja levado em consideração.

- A precariedade dos recursos disponibilizados pela escola configura uma violência contra o direito dos alunos a uma educação de qualidade. Salas sem ventilação, bebedouros precários, falta de espaço para recreação, péssimas condições de higiene dos banheiros. Os desafios ao rendimento escolar bem como a permanência dos alunos na escola se agigantam diante dessas circunstâncias.

- A superlotação das salas inviabiliza a realização de um trabalho pedagógico eficiente por professores e coordenação, visto o excesso de demandas que essa situação lança sobre esses profissionais. O trabalho individualizado capaz de levantar a realidade pessoal e dificuldades de cada aluno torna-se impraticável.

- A falta de material didático para maioria dos alunos limita o potencial de aprendizagem dos discentes, uma vez que professores são compelidos a copiar o conteúdo no quadro ou pedir para os alunos façam xerox do material. A limitada participação dos pais no acompanhamento da situação dos alunos torna-se um ato de violência contra os jovens que dessa forma encontram-se pouco orientados e protegidos no âmbito da escola e da vida social.

- Após quatro anos da última reforma alguns equipamentos da estrutura física da unidade de ensino encontram-se deteriorados e precisando de manutenção, em especial a rede elétrica. O acervo bibliográfico que a escola recebe é organizado na sala de leitura, com toda liberdade e acesso aos professores que quiserem utilizar com os alunos. Os livros disponíveis são ofertados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), mas são suficientes apenas para uma minoria dos alunos, comprometendo o trabalho educacional. A sala de vídeo funciona junto à sala de informática, mas a sala de leitura também é utilizada para a projeção de mídias. A escola conta com dois televisores, mas os aparelhos de DVD encontram-se quebrados.

A análise das informações coletadas pelos instrumentos de pesquisa aplicados aos professores e alunos revelaram uma diversidade de pontos de vista, demonstrando a multiplicidade de fatores que convergem sobre a questão da indisciplina no ambiente escolar. Contudo, mostrou-se evidente o direcionamento comum da maioria dos professores que tendem a responsabilizar o aluno, os pais, a sociedade e o sistema educacional pelos problemas suscitados pela indisciplina. Já a análise dos dados coletados junto aos alunos, os percentuais das respostas indicaram tendências variadas sobre a relação dos alunos com a indisciplina na sua escola.

Nesse processo, optamos por estabelecer um paralelo entre as respostas de alunos e professores para as referidas questões, que apesar de não serem as mesmas, podem fornecer parâmetros de comparação. Assim distribuiremos esses dados elencando os resultados por eixos norteadores. Primeiro, o impacto da indisciplina no cotidiano; segundo, as causas da indisciplina escolar; terceiro, o sentimento de professores e alunos acerca da indisciplina; e por último, a impressão desses sujeitos sobre a indisciplina e o ambiente escolar.

Para o primeiro eixo norteador foi perguntado aos professores como a indisciplina escolar interfere no seu trabalho pedagógico, o professor (a) **H** respondeu que: “dificulta a minha didática de ensino; o trabalho não rende; falta motivação para elaborar uma aula mais caprichada e isso interfere na aprendizagem dos alunos”.

Posto isso, fica patente como os níveis motivacionais para o trabalho educacional são determinantes para a busca de novidades pedagógicas, revelando uma descrença de alguns profissionais na capacidade transformadora da educação.

Para a mesma pergunta o professor (a) **K** escreve:

“a falta de disciplina interfere em vários aspectos: aprendizagem, envolve a evasão pois aqueles alunos que querem estudar vendo a indisciplina não querem frequentar

a escola. O professor quer trazer exemplos uma nova metodologia, mas por causa da indisciplina desiste. Enfim a indisciplina interfere em todo processo ensino aprendizagem”.

Diante dessa manifestação observamos como a indisciplina dos alunos tem relação direta sobre a motivação no trabalho dos profissionais do ensino. Desencorajados, desacreditados, sentindo-se desvalorizados, as perspectivas de avanços tornam-se limitadas.

Sobre essa mesma observação o professor (a) Y diz:

“Atualmente um dos maiores problemas que enfrentamos em sala de aula é a indisciplina. Perdemos muito tempo tentando controlar a turma, deixo de aplicar algumas atividades em virtude do receio da reação dos indisciplinados”.

Esse testemunho revela uma circunstância preocupante, no interior da sala de aula, no tocante a intimidação a que professores estão submetidos, trabalhando assustados sobre o receio de que uma ação indisciplinar venha tornar-se um caso de agressão e violência. O comportamento indisciplinar de alguns alunos se confronta com as exigências didáticas do professor que, por vezes, reluta em realizar suas atividades pedagógicas inibido pelas atitudes ríspidas e agressivas desses alunos.

Nesse âmbito, quando os discentes foram indagados sobre como a indisciplina dos alunos interfere na realidade vivenciada na sua escola, 89,1% dos alunos creditaram que atrapalha as aulas e o aprendizado. Esse percentual evidencia a preocupação da maioria dos participantes com a qualidade da educação que recebem. E em função disso, estabelecem uma relação direta entre a indisciplina e o trabalho pedagógico do professor e da escola.

O número de alunos que atribui a indisciplina ser a causa da dificuldade no relacionamento com os colegas (3,6%), representou uma expressão mínima da relação entre as variáveis. Da mesma forma, poucos atribuíram a indisciplina algum prejuízo na segurança da escola (7,3), revelando ser uma prática de menor poder ofensivo se comparada aos atos de violência que circundam a instituição.

Diante dessas observações, podemos perceber que professores e alunos convergem sua opinião quando concordam que a indisciplina impacta negativamente sobre produtividade das aulas e o aprendizado dos alunos. Essa constatação é reveladora de que existe uma consciência acerca da necessidade de mudar essa realidade, contudo a falta de instrumentos pedagógicos coerentes com esse problema compromete sua solução.

No tocante ao segundo eixo norteador, que diz respeito as causas da indisciplina escolar, as respostas dos sujeitos analisados direcionaram-se para rumos relativamente parecidos. Quando os professores foram questionados sobre as causas a que atribuíam os

casos de indisciplina dos alunos as respostas mostraram-se variadas, mas convergentes em algumas opiniões.

A esse respeito professor (a) **H** aponta:

“A falta da família na educação dos filhos; a falta de apoio da direção em punir os alunos indisciplinados, acredito que isso acontece por receio de se envolver com problemas futuros ou não estão preocupados com a disciplina e somente pensando em receber a gratificação do cargo. A violência na rua que está inserida na escola também.”

Enquanto isso professor (a) **W** diz:

“Acredito que as causas são diversas, mas destaco: falta de limites na educação familiar, não entendimento do conteúdo que está sendo trabalhado pelo professor, aulas cansativas, situação de conflito e/ou enfretamento entre aluno (s) e o professor, revolta contra normas estabelecidas ou até mesmo o desconhecimento delas, professores despreparados”

Nessa direção professor (a) **Z** identifica:

“falta de estrutura familiar; sistema educacional precário; falta de normas na unidade escolar; falta de valorização do ensino; aulas mais atrativas são necessárias; conscientização da sociedade sobre a importância do ensino.”

A luz dessas manifestações aqui expostas e outras impressões presentes em outros questionários dessa investigação, como o sentimento de impunidade, nos permite constatar que: Primeiro, que a relação da escola com a família é vista como indispensável a harmonização dos limites e objetivos pretendidos pela instituição de ensino. O distanciamento entre essas duas instâncias tem criado desafios de comunicação e entendimento sobre o tratamento dispensado a jovens na escola e na família, e enquanto isso, esses adolescentes ficam perdidos nesse conflito de orientações.

A segunda constatação, refere-se a como o conteúdo e a didática das aulas têm um peso determinante sobre o comprometimento do aluno sobre o trabalho escolar. Aulas monótonas e conteúdos distantes da realidade criam uma indisposição dos discentes com o professor, que movido pelo “dever” de manter a disciplina na sala, se vale da sua “autoridade”, provocando assim a reação aversiva do aluno. Esse ambiente de tensão e conflito acaba tornando-se um campo fértil para as práticas indisciplinadas.

E a terceira constatação é que, a violência urbana, o aumento da criminalidade, o sentimento de insegurança e impunidade são fortemente responsáveis por encorajar a indisciplina escolar. A brutalização da sociedade como resultado da banalização da violência tende a refletir nas relações construídas no seio escolar.

No que diz respeito a opinião dos alunos, quando inquiridos sobre a razão da indisciplina na escola, as respostas à atribuíam a fatores externos e internos da escola, mas revelou a predominância dos últimos. 50,9% consideram que o desinteresse pelas aulas e o conteúdo provocam a indisciplina dos alunos. Em consenso à opinião de alguns professores participantes desse trabalho e em acordo com muitos autores que fundamentam nossa pesquisa, as práticas pedagógicas centradas no professor e a maneira como os conteúdos são apresentados distantes da realidade, comprometem uma relação significativa com os mesmos.

No tocante aos fatores externos a falta de educação oferecida pelos pais ou responsáveis atingiu o percentual de 29,1% dos envolvidos, denunciando como a sociedade e os próprios alunos concebem a estrita relação entre educação formal e informal. Muito desse resultado deve ser creditado aos insistentes apelos de professores e direção para necessidade de um maior envolvimento da participação dos pais na educação dos filhos, e as tentativas de trazer os responsáveis para escola, quase sempre sem sucesso. E quanto ao convívio com a violência na comunidade em que mora, 20% atribuíram a esse fator a causa principal da indisciplina. Esse dado traduz como os reflexos da violência na sociedade lançam tentáculos profundos sobre as instituições de ensino.

Nesse aspecto, deve-se destacar que é impossível creditar a indisciplina escolar a um único fator responsável. Contudo, a comparação entre as respostas dos sujeitos revela uma tendência à professores responsabilizarem alunos e alunos responsabilizarem professores, em primeiro lugar. Isso demonstra a existência de conflito envolvendo esses atores que, muitas vezes por falarem “línguas diferentes” não conseguem encontrar um consenso de ideias e trabalho. Nesse ponto fica evidente como a ausência de práticas pedagógicas democráticas e dialógicas irrompem grandes desafios na produção do ensino significativo e transformador. As diferenças entre professores e alunos os colocam em lados opostos de um mesmo abismo que não se transpõem sem que haja a reflexão, o diálogo e cumplicidade.

No tocante ao terceiro eixo norteador, que trata do sentimento de professores e alunos acerca da indisciplina, quando os professores foram inqueridos sobre como enxergam o papel e a responsabilidade do professor sobre os casos de indisciplina na escola as opiniões comungam da importância desse profissional na condução e solução desse problema. A esse respeito professor (a) **X** diz:

“O papel do professor é manter na sala de aula uma aprendizagem para todos que querem e vem para sala de aula com o objetivo de aprender. Os que não querem e atrapalha deve ser orientado a se retirar para não prejudicar aqueles que querem participar da aula”.

Essa postura nos mostra a ausência de uma proposta para intervenção sobre o problema. Ao passo que, a exclusão dos alunos indisciplinados da sala de aula não soluciona as causas responsáveis por essa situação. Sendo assim, alunos expulsos da aula, além de privados do seu direito, geram outras demandas como a bagunça nos corredores, perturbação nas outras salas ou mesmo abandono do ressoito escolar jogando-se na rua vítimas ou responsáveis por outros problemas e distúrbios sociais como drogas e criminalidade.

Sobre a mesma indagação o professor (a) **W** relata:

“Primeiramente, o professor deve identificar os motivos da indisciplina e posteriormente restabelecer um clima de diálogo com os envolvidos a fim de desfazer o clima de conflito e buscar soluções adequadas para melhorar as condições da aula e o convívio no ambiente escolar.”

Esse depoimento revela a presença de uma postura dialógica dentro da sala de aula, indicando a preocupação de criar um ambiente harmonioso como uma das condições para o êxito do processo de ensino-aprendizagem. Também ressalta o papel do professor como mediador dos conflitos, capaz de considerar as várias motivações por trás da indisciplina e aponta as soluções mais justas.

Nessa mesma linha o professor (a) **K** afirma:

“O professor é o instrumento principal para diminuir a indisciplina, pois é ele que está na sala de aula todos os dias, que conhece os alunos, que sabe do que interessa mais, que pode na própria aula dar exemplos da vida, que a indisciplina não leva a nada, que aquele aluno comportado tem condições de adquirir uma melhor aprendizagem.”

Por esse ponto de vista, percebemos a relevância oferecida ao trabalho pedagógico do professor, colocado como figura de destaque na construção do caráter e no aproveitamento escolar do aluno. Responsável por abrir as janelas de oportunidades para inserção do indivíduo no mercado de trabalho e na sociedade.

Já os discentes, quando questionados sobre como se sentem diante da indisciplina dos alunos na escola constatamos que as respostas oferecem uma tendência de que a maioria dos participantes avaliam negativamente essas ações e demonstram como afetam seu comportamento no interior da escola. O maior percentual (50,9%) respondeu que sentem incômodo e ficam chateados com as atitudes dos colegas, sua relação com essa situação revela um sentimento de reprovação dessa realidade.

Caminhando na mesma linha, 25,5% dos alunos afirmam sentir medo e buscar uma atitude de retraimento, buscando ficar o mais distante possível do problema. Enquanto isso,

23,6% dos alunos envolvidos nesse trabalho afirmaram achar normal e participar dos casos de indisciplina na escola. Esse percentual revela um número razoável de alunos que corroboram com os obstáculos que essa circunstância impõe a demais alunos e os professores. O comportamento indisciplinar desses alunos torna-se capaz de contagiar outros a adesão dessas práticas, bem como podem ser responsáveis pela desmotivação no trabalho de professores.

Com essas considerações, evidenciamos como ao mesmo tempo professores e alunos encontram-se reféns dos efeitos das práticas indisciplinadas no âmbito da sala de aula. Os primeiros revelam-se impotentes diante do enfrentamento do problema e muitas vezes concordam com o prejuízo que acomete aos alunos, enquanto os segundos demonstram seu receio e indignação diante da insegurança e incertezas que perpassa o ambiente da sala de aula.

Quanto ao quarto eixo norteador, que refere-se a impressão de professores e alunos sobre a indisciplina e o ambiente escolar, os docentes ofereceram relatos dos principais casos de indisciplina presenciadas na escola e ofereceram uma lista de incidências que justificam o caráter pertinente de uma intervenção.

Para o professor (a) **H** configuram os principais casos de indisciplina que testemunhou:

“ouvir palavras de baixo calão na sala de aula de alunos, desrespeito por parte dos alunos com professor e com os próprios colegas, bullying de colegas para colegas, o uso do celular na hora da aula, não trazer o material didático para aula, entrar e sair da aula sem pedir licença várias e ainda fazendo baderna”

Na opinião do professor (a) **Z** seus principais testemunhos de indisciplina foram:

“desacato verbal aos profissionais da escola, ameaças de morte a professora, aluno trazer faca para escola e perseguir a professora, destruir o patrimônio escolar com chutes em portas, soltar bombas no banheiro.”

Esses testemunhos revelam a gama de desafios que estão por ser enfrentados e que carecem de um trabalho criterioso e específico de intervenção.

Enquanto isso, discentes em suas impressões destacaram as possíveis razões que desmotivam os alunos a vir para escola. Considerando essas serem causas potenciais da indisciplina, quando indagados, as respostas dos alunos se equilibraram entre as três alternativas que o questionário os ofereceu. 32,7% dos alunos afirmam que são as aulas, coadunando com as impressões de professores que ressaltaram a monotonia das aulas como fator para indisciplina escolar.

O maior percentual (34,6%), escolheu a convivência com os colegas. Na medida em que a incidência dos conflitos e a indisciplina causam prejuízo sobre o aprendizado muitos alunos alimentam um sentimento de descredito sobre a escola ou a educação. Os problemas familiares também configuram como importante fator de desestímulo do estudante (32,7%), reforçando a ideia de que o ensino formal não pode ser dissociado da educação familiar.

As impressões de alunos e professores acerca da indisciplina e do ambiente escolar mostram como o tema aqui pesquisado revestisse de significativa importância uma vez que a indisciplina ao mesmo tempo que incapacita professores colocarem sua didática em prática, tornando as aulas pouco atrativas, também afasta os discente da sala de aula uma vez que sentem-se desmotivados e desencorajados a frequentar escola.

Diante dessas circunstâncias, e dos dados aqui levantados constatamos que a Escola Estadual Dr. Airton Teles, vivencia um quadro de indisciplina escolar que suscita nossa especial atenção. Problema esse que não deve ser analisado isoladamente, mas levando-se em consideração outras demandas como: problemas estruturais da escola, baixa motivação dos professores, elevados índices de violência na região, baixa autoestima e desinteresse dos alunos e a ausência de reflexões permanentes das práticas pedagógicas empregadas na instituição.

Sendo assim propomos, partindo dessas conclusões, um plano de intervenção capaz de engendrar uma política de ensino adequada aos desafios ora expostos. Objetivando a promoção de uma educação pública de qualidade.

Os resultados aqui apreendidos a partir dos questionários aplicados aos alunos, que fizeram parte desse levantamento, podem ser também observados numa tabela que segue em apêndice.

INTERVENÇÃO:

A intervenção consiste na etapa final e fundamentalmente decisiva para os objetivos do nosso trabalho, na medida em que, a luz das reflexões e diagnóstico aqui realizados é possível propor ações que contribuirão para reduzir os casos de indisciplina na escola visando minimizar o impacto dessas ações sobre o trabalho pedagógico dos professores e o aprendizado dos alunos. Com isso, a intervenção se tornará um importante instrumento para realização de mudanças no *status* das relações que se constroem no seio escolar.

Para tanto sugerimos estratégias que acreditamos ser viáveis e condizentes com as demandas específicas da realidade pesquisada, já que levam em consideração a utilização de recursos humanos e materiais disponíveis em poder da instituição ou em parceria com entidades colaboradoras. Nesse sentido, a capacidade de envolvimento de toda a comunidade escolar será indispensável para o êxito de nossa proposta e busca dos objetivos pretendidos.

Dessa forma, acreditamos que a realização desse projeto dependerá da existência de uma comunhão de esforços de profissionais de diferentes áreas como: educação, segurança pública, assistência social e poder judiciário. E a esses, se somarão a participação ativa da comunidade escolar, pais e alunos, por considerarmos determinantes para concretização dos resultados pretendidos nesse trabalho.

Para tanto, se tornará indispensável a iniciativa de mobilização da comunidade escolar e sociedade a fim de angariar os esforços e recursos humanos e matérias para execução das propostas desse projeto. Dessa forma, propomos a provocação à direção da escola com o intuito desta poder capitanear os contatos e rede de relacionamentos objetivando conseguir a colaboração de entidades e profissionais dentro e fora da instituição de ensino para realização do Plano de Ação.

As entidades do poder público serão instigadas a participar das ações dirigidas para diminuir os índices de indisciplina nessa escola. E para isso deverão ser abertos canais de comunicação com representantes dos órgãos públicos que têm em suas atribuições zelar pela situação de crianças e adolescentes. Tais como: Conselho Tutelar, Delegacia de Atendimento à Grupos Vulneráveis, Secretaria Municipal de Ação Social (CRAS e CREAS)

Nesse âmbito a comunidade escolar, constituída de alunos, pais de alunos, profissionais da escola e comunidade circunvizinha serão convidados a adentrar e participar do espaço e cotidiano escolar. A proposta desafia-se a tornar o ambiente educacional convidativo não apenas para alunos e professores, mas para toda comunidade, o que se tornará possível mediante uma relação dialógica e de cumplicidade entre a instituição de ensino e o

público ao seu redor. O funcionamento da rotina e trabalho escolar será conduzido com a presteza e urbanidade necessárias a atrair a confiança e credibilidade para instituição. Dessa forma, pretendemos conquistar o engajamento da sociedade a fim de alcançar os objetivos esperados com essa intervenção.

Os instrumentos aqui sugeridos primarão pelo desafio de fomentar ações que viabilizem a mobilização, conscientização e transformação dessa realidade pesquisada. Isso diz respeito à uma incidência direta dos reflexos dessas iniciativas sobre o comportamento e perspectivas educacionais daqueles que estão direta ou indiretamente envolvidos no processo de ensino. As atividades sugeridas obedecem três núcleos de trabalho: As apresentações (seminário e palestras), as produções (livro de registro e jornal) e as discussões (atividades recreativas e assembleias estudantis). Posto isso, as ações que se seguem compartilham do mesmo ideal colaboracionista e solidário necessários ao resultado proveitoso e transformador desse Plano de Ação.

Para isso serão realizadas reuniões de trabalho, a convite da direção da escola, para assim realizar-se a apresentação do Plano de Intervenção. Nesse momento, serão apontadas as constatações e resultados provenientes do nosso diagnóstico aos professores, direção e coordenação para iniciar a discussão sobre os principais problemas da instituição no tocante a indisciplina dos alunos.

Acerca desses problemas podemos destacar: a carência material dos alunos, a violência no em torno da escola, infraestrutura e recursos precários da instituição, dificuldades no relacionamento professor-aluno, violação de direitos dos jovens, bem como as dificuldades de trabalho dos professores em sala de aula e as impressões dos alunos sobre a indisciplina servirão para ilustrar de forma mais objetiva e pontual os desafios da escola.

Em seguida, após ser dada ciência dos obstáculos a serem enfrentados, serão pontuadas e esclarecidas as demais ações que farão parte desse Plano de Intervenção, a fim de mobilizar a colaboração desses profissionais no intuito de forjar uma consciência de educação para os direitos humanos e uma cultura de paz. Dessa forma, após o primeiro encontro realizado para esse propósito se seguirá a implementação das demais estratégias da intervenção.

1ª ação:

A aquisição do conhecimento vigora como uma das mais importantes ferramentas de transformação social. Assim, o processo de intervenção sobre uma determinada realidade demanda uma instrumentalização teórica dos principais atores envolvidos nesse processo.

Posto isso, propomos a organização de um seminário, objetivando discutir e conscientizar os profissionais da escola, os alunos e comunidade sobre as normativas estabelecidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Esse será realizado nas dependências da instituição e ministrado pelos próprios professores que divididos em equipes de trabalho, deverão analisar e expor aos demais colegas e discentes suas impressões acerca das deliberações previstas no ECA. Durante esse seminário que terá duração de três horas, a primeira metade desse tempo será dedicada as explanações dos professores divididos em duas equipes que poderão contrapor suas impressões sobre o instrumento normativo. Em seguida, o tempo restante será destinado a abertura do debate com a participação dos alunos e comunidade a fim de ampliar as perspectivas de análise do tema.

Essa ação, que envolverá a colaboração de toda comunidade escolar, se justifica pela necessidade de lançar um olhar mais criterioso e amplo sobre o papel de crianças e adolescentes em nossa sociedade, merecedoras da proteção que sua condição exige. Essa tomada de consciência servirá de ponto de partida para mobilização nas demais ações desse plano.

2ª ação:

A conscientização dos alunos e professores a respeito dos problemas oriundos das práticas indisciplinadas é um ponto de partida para diminuição do seu impacto sobre o ensino. Diante disso, torna-se imprescindível levar até a instituição uma reflexão especializada de profissionais, que em suas respectivas áreas, atuam diretamente sobre os dilemas e dificuldades que perpassam a vida de crianças e adolescentes.

Propomos a realização de um ciclo de palestras que terão como público alvo alunos, professores e profissionais da escola. Essas palestras serão ministradas por profissionais de diferentes áreas: assistentes sociais e psicólogos da Secretaria Municipal de Ação Social, delegado de polícia, professores universitários e/ou acadêmicos.

Essas apresentações terão um tempo de duração de uma hora e meia e deverão abordar os seguintes temas: O assistente social discorrerá sobre os instrumentos normativos de proteção à criança e ao adolescente; o psicólogo fará sua explanação a respeito da dimensão

psicológica da violência e indisciplina no indivíduo; o delegado de polícia debaterá o papel do Estado na promoção da segurança e ordem social; o professor universitário e/ou acadêmico irá discutir o papel da educação na transformação social.

Cada qual dessas palestras terá como eixo norteador o impacto da indisciplina no ambiente escolar, apesar dos enfoques variados em que essa temática será abordada. Esses encontros acontecerão durante os dias letivos da semana e sempre no turno da noite, objetivando maior participação do público alvo.

Essas explanações pretendem levar ao referido público um conhecimento técnico e acadêmico das mazelas sociais decorrentes do comportamento indisciplinar e do ambiente de hostilidade e violação de direitos no interior da escola. Com isso oferecer uma oportunidade de retirar alunos e agentes educacionais do senso comum acerca da interpretação da indisciplina e cultura de violência da escola.

Essas palestras serão viabilizadas através de contatos com entidades do poder público municipal, estadual e federal, a fim de estreitar os laços de colaboração, abrindo canais de comunicação que fortaleçam o trabalho escolar. Para com esse, promover políticas sólidas de combate às práticas discriminatórias, de violência e violação dos direitos que estão no cerne do comportamento indisciplinar dos alunos.

3ª ação:

O acompanhamento do desenvolvimento e da rotina escolar do aluno é determinante para diagnosticar seu rendimento e aproveitamento de ensino. Contudo, o universo tão variado de experiência pessoais, culturas e valores que permeia a referida escola dificulta a implementação de estratégias que contemplem toda essa diversidade, especialmente sobre os casos específicos de indisciplina.

Diante disso, recomendamos a implantação de um livro de registro para acompanhamento sistemático das ocorrências indisciplinadas e realizar um acompanhamento individualizado dos alunos. Os integrantes que participarão dessa ação serão, coordenadores pedagógicos, professores e os próprios alunos.

A identificação dos indivíduos mais reincidentes oportunizará a realização de um trabalho particularizado para intervenção sobre as causas que tem incitado esse comportamento. Nesses casos, a primeira abordagem feita ao aluno servirá para levantar informações sobre a realidade social e familiar do jovem, quando serão oferecidas orientações

ao mesmo e assim propor um acordo de confiança. Em seguida, se necessário, se fará a convocação dos pais ou responsáveis a fim de buscar esclarecer possíveis problemas extraescolares que estejam interferindo sobre o comportamento do aluno. Se for constatado um caso de violação dos direitos da criança e dos adolescentes e a responsabilização dos pais o caso deverá ser encaminhado ao Conselho Tutelar, Delegacia de Atendimento à Grupos Vulneráveis, Secretaria Municipal de Ação Social (CRAS e CREAS)

4ª ação:

O trabalho lúdico e criativo consta como uma das principais estratégias da educação escolar. Assim, explorar esse potencial e desenvolver habilidades ricas de significação merecem destaque na pauta pedagógica de qualquer instituição de ensino. Dessa forma, esse tipo de trabalho objetiva canalizar a energia e disposição dos alunos para construção do conhecimento e buscar nesse viés, e não na agressividade e indisciplina, sua afirmação dentro do seu grupo.

Diante disso, sugerimos a criação de uma equipe multidisciplinar de professores que orientarão os alunos na elaboração de um jornal estudantil. Essa equipe de trabalho dispondendo do conhecimento em suas respectivas áreas, deverão contribuir na indicação de conteúdos e informações pertinentes que merecem ser publicadas e divulgadas aos demais colegas de escola.

Esse mesmo instrumento de informação deverá se prestar, além da função didática, à divulgar conteúdos de interesse da faixa etária dos estudantes a fim de se tornar um veículo de manifestação dos dilemas e desafios dessa geração como, atualidades, informativos de saúde, eventos culturais, produções literárias e artísticas dos alunos e uma seção aberta a opiniões sobre o funcionamento da instituição. A participação dos alunos deverá ser voluntária e condicionada ao respeito mútuo aos demais indivíduos.

O material deverá ser disponibilizado pela escola, como computadores da sala de informática para elaboração das pautas e diagramação do material, papel para confecção dos exemplares e máquina de xerox para reprodução das unidades. A supervisão de conteúdo será realizada pelos professores e a publicação do folhetim estará condicionada a que esse material esteja comprometido com o combate a violência na escola e promoção da harmonia social.

5ª ação:

O engajamento dos pais e da comunidade nas atividades e no cotidiano da escola tem se mostrado, como nas referências aqui levantadas, um fator de extrema importância para a harmonização e democratização do processo educacional. Portanto, foi possível reconhecer que uma das mais importantes demandas levantadas com professores encontra-se no baixo interesse de pais e responsáveis com a educação desses jovens. Dessa forma, nossa sugestão reside na elaboração de um plano de atividades que consiga atrair esse público para o espaço escolar.

Para tanto, coordenação pedagógica em reunião com os professores incluíram no Plano de Ação da escola a realização de atividades recreativas que envolvam a participação de pais, alunos e professores, como: competições esportivas de futebol e dominó, gincana de perguntas e respostas, celebração de datas comemorativas como dia das mães e dos pais, festejos juninos, natal, realizados nos finais de semana.

No bojo dessas atividades serão inseridas discussões a respeito da indisciplina dos discentes no ambiente escolar, uma vez que o objetivo do entretenimento mostra-se secundário, objetivando atrair esse público alvo ao interior da escola, destacando a necessidade da participação dos pais e responsáveis na educação e formação desses adolescentes.

O sucesso dessas ações está condicionado a participação de um número expressivo desses indivíduos, a fim de estreitar os laços de amizade e confiança entre os membros que fazem parte da educação das crianças e adolescentes. Para assim construir uma relação dialógica capaz de forjar uma consciência cidadã, não apenas nos alunos, mas em todos envolvidos nesse processo e com isso reduzir os casos de indisciplina na escola.

6ª ação:

O desenvolvimento intelectual, afetivo e social de uma criança ou adolescente pressupõem algumas fases e entre elas está a administração da autonomia. Sua capacidade de compreender e intervir sobre o universo a sua volta define os rumos que percorrerá ao longo da sua trajetória social. Dessa forma, a participação dos alunos nos processos decisórios da escola, bem como na gestão sobre o cotidiano e a rotina escolar assumem um papel de grande relevância na formação educacional desses discentes.

Nossa orientação consiste na realização de assembleias de alunos, professores e representantes da comunidade escolar a fim de deliberarem sobre as regras de convivência na escola. Estas reuniões deverão acontecer a critério de um grupo de trabalho com quatro representantes dessas três categorias. As regras elaboradas coletivamente serão periodicamente analisadas e alteradas ou substituídas a depender do seu reflexo sobre o cotidiano escolar

O propósito dessa ação é esclarecer e envolver os alunos e pais, quase sempre negligenciados, dentro do processo decisório da instituição e com isso conscientizar os alunos que tomar parte nas decisões significa assumir responsabilidades sobre o resultado desse trabalho. Dessa maneira, ou invés de estabelecer punições aos atos indisciplinados, essas serão substituídas por ações preventivas de educação para cidadania e para o respeito as diferenças e os direitos dos outros, pois o direito de um termina quando começa o do outro.

As ações propostas nessa intervenção serão executadas, levando em consideração o calendário escolar da referida instituição de ensino, num prazo de seis meses. Essas por sua vez estarão distribuídas conforme disposição no cronograma a seguir:

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES:

2016					
AÇÕES / MESES	Março	Abril	Maió	Junho	Julho
1ª AÇÃO					
2ª AÇÃO					
3ª AÇÃO					
4ª AÇÃO					
5ª AÇÃO					
6ª AÇÃO					

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação empreendida, por razão dos desafios suscitados na elaboração desse Plano de Intervenção, contribuiu decisivamente para que pudéssemos alcançar uma tomada de consciência acerca dos meandros que perpassam o trabalho educacional na escola em que exerço minha docência. Em função dessa experiência foi possível compreender que a indisciplina escolar é um reflexo das relações construídas no tecido social, e que desta forma torna-se um produto da ressignificação dos papéis dos diversos atores sociais. A exemplo disso podemos destacar os conflitos envolvendo professores e alunos, resultantes da falta de diálogo, responsáveis por desencadear desafios que acompanham a rotina do cotidiano no ambiente escolar.

No tocante as práticas indisciplinares no interior da instituição de ensino que se tornou objeto da nossa observação, percebemos que suas causas são diversas e que se encontram enraizadas em uma postura de conflito e enfrentamento, adotada por professores e alunos, que sobrepõem a busca do diálogo e reflexão entre seus envolvidos. Constatamos que a indisciplina representa uma ruptura de paradigma pedagógico, na qual a escola e seus agentes nem sempre estão imbuídos da compreensão dos múltiplos pontos de vista reunidos nesse espaço e em função disso mostram-se incapazes de apresentar estratégias adequadas às demandas específicas de cada discente.

Percebemos ainda que o impacto da indisciplina na escola incide negativamente sobre o trabalho educacional e o processo de ensino / aprendizagem. Essa percepção tornou-se clarividente nos depoimentos e respostas de alunos e professores levantadas pelos instrumentos de coleta de dados aqui utilizados.

Assim concordamos que a preocupação e atenção sobre essas referidas circunstâncias educacionais revelam a necessidade de ações afirmativas capazes de transformar essa realidade. Bem como atividades que promovam uma relação mais aberta, dialógica e reflexiva entre os indivíduos que fazem parte do universo escolar e estreitar os laços e congregar os esforços entre a instituição de ensino e a sociedade para assim forjar um pacto pela melhoria da educação.

E por fim, concluímos que o empreendimento dessa intervenção sobre a referida realidade escolar depende igualmente da mobilização e conscientização de alunos, profissionais que atuam na instituição e a comunidade escolar. Para dessa forma, conduzir as

ações propostas nesse plano objetivando alcançar um aprimoramento das práticas pedagógicas a fim de construir uma cultura educacional significativa, tolerante, democrática e produtiva.

REFERÊNCIAS:

ABRAMOVAY, M. **O bê-a-bá da intolerância e da discriminação**. Brasília, DF: Unicef, 2002. Disponível em: < http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_02.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2014.

ANSER, Maria Aparecida Carmona Ianhes; JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo; VENDRAMINI, Claudette Maria Medeiros. Avaliação do conceito de violência no ambiente escolar: visão do professor. **Psicol. teor. prat.** v.5, n.2, São Paulo, dez. 2003.

BOARINI, Maria Lucia. Indisciplina escolar: uma construção coletiva. **Psicol. Esc. Educ.** vol.17, no.1, Maringá, Junho, 2013.

CHRISPIANO, Alvaro; DUSI, Miriam Lucia Herrera Masotti. Uma proposta de modelagem de política pública para a redução da violência escolar e promoção da Cultura da Paz. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 61, p. 597-624, out./dez. 2008.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir; relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. Tradução de José Carlos Eufrazio. São Paulo, SP. 1998.

Estatuto da Criança e do Adolescente. (1990). Lei nº 8.069, de 13-07-1990. São Paulo: Cortez.

FONTANA, Paula Antoniete Ferreira. Indisciplina na escola: de onde vem e para onde vai? **Revista Fafibe On Line**, n.3, ago. 2007. — Faculdades Integradas Fafibe — Bebedouro – SP. Disponível em: <http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/11/19042010140846.pdf> . Acesso em 09 de junho de 2015

GADOTTI, Moacir, Perspectivas Atuais Da Educação. **São Paul Perspec.** vol.14, no.2, São Paulo, Abril/Junho, 2000.

GARCIA, Joe. Indisciplina, incivilidade e Cidadania na Escola. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas SP, v.8, n.1, p.10-32, dez. 2006 (Estudos em Cidadania & Movimentos Sociais).

GARCIA, Joe. Representações dos professores sobre indisciplina escolar. **Educação Santa Maria**, v. 34, n. 2, p. 311-324, maio/ago. 2009. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacao>. Acesso em 09 de junho de 2015

GODOY, Célia; ABDON, Glaucy; LOPES, Ivanil Correa; MARTINS, Lilian Cássia Bacich; GRAMSTRUP, Silvia Regina; LEAL, Wedja Oliveira; CASTANHO, Marisa Irene Siqueira. A (in) disciplina escolar nas perspectivas de Piaget, Winnicott e Vygotsky. **Rev. psicopedag.** vol.23 no.72, São Paulo. 2006

GOMES, Candido Alberto; LOPES, Rosilene Beatriz. Paz na sala de aula é uma condição para o sucesso escolar: que revela a literatura? **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 75, p. 261-282, abr./jun. 2012.

KENSKI, Vani Moreira. **A nova lógica do ensino na sociedade da informação**. In: **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância**. 4 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2006, p. 91-98

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

MARRIEL, Lucimar Câmara; ASSIS, Simone G.; AVANCI, Joviana Q.; OLIVEIRA, Raquel V. C.. Violência escolar e Auto-estima de adolescentes. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 127, P. 35-50, jan./abr. 2006.

PRATA, Maria Regina dos Santos. *Produção da subjetividade e as relações de poder na escola: uma reflexão sobre a sociedade disciplinar na configuração social da atualidade* – In: **Enfrentamento a violência na escola** / Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos– Curitiba: SEED – Pr., 2010. - p. 172 (Cadernos temáticos dos desafios educacionais contemporâneos).

SCHILLING, Flávia. **Indisciplina, violência e o desafio dos direitos humanos nas escolas** – In: **Enfrentamento a violência na escola** / Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos– Curitiba: SEED – Pr., 2010. - p. 172 (Cadernos temáticos dos desafios educacionais contemporâneos).

SOLHEID, Maysa Carneiro; STIGAR, Robson. **Cidadania e violência: um grande desafio para os direitos humanos** – In: **Enfrentamento a violência na escola** / Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos– Curitiba: SEED – Pr., 2010. - p. 172 (Cadernos temáticos dos desafios educacionais contemporâneos).

WIEVIORKA, Michel. O novo paradigma da violência. **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, São Paulo, 9 (1) 5-41, maio de 1997.

ZANON, Alencar Luiz. **É expressamente proibido usar boné na escola** –In: **Enfrentamento a violência na escola** / Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos– Curitiba: SEED – Pr., 2010. - p. 172 (Cadernos temáticos dos desafios educacionais contemporâneos).

APÊNDICE:

Quadro dos resultados do questionário aplicados aos alunos.

Perguntas	Número de Respostas/ Porcentagem		
Como a indisciplina dos alunos interfere na realidade vivenciada na sua escola?	Atrapalha as aulas e o aprendizado 49 / 89.1%	Dificulta o relacionamento com os colegas 02 / 3.6%	Prejudica a segurança na escola 04 / 7.3%
Qual a razão mais o desmotiva a vir a escola?	As aulas 18 / 32.7%	A convivência com os colegas 19 / 34.6%	Problemas familiares 18 / 32.7%
Como você se sente diante da indisciplina dos alunos na escola?	Se incomoda e fica chateado 28 / 50.9%	Sente medo e fica distante 14 / 25.5%	Acha normal e participa 13 / 23.6%
Qual a principal razão da indisciplina na escola?	Desinteresse pelas aulas e o conteúdo 28/ 50.9%	A falta de educação oferecida pelos pais ou responsáveis 16/ 29.1%	A convivência com a violência na comunidade em que mora 11/ 20%

Coleta de Dados: Questionário do Aluno

Esse questionário consiste num instrumento de coleta de informações acerca da indisciplina dos alunos na escola.

MARQUE APENAS UMA RESPOSTA PARA CADA PERGUNTA.

01) Como a indisciplina dos alunos interfere na realidade vivenciada na sua escola?

- () - Atrapalha as aulas e o aprendizado.
- () - Dificulta o relacionamento com os colegas.
- () - Prejudica a segurança da escola.

02) Qual razão mais o desmotiva a vir para escola?

- () – As aulas.
- () – A convivência com os colegas.
- () – Problemas familiares.

03) Como você se sente diante da indisciplina dos alunos na escola?

- () – Se incomoda e fica chateado.
- () – Sente medo e fica distante.
- () – Acha normal e participa.

04) Qual a principal razão da indisciplina na escola?

- () – Desinteresse pelas aulas e o conteúdo.
- () – A falta de educação oferecida pelos pais ou responsáveis.
- () – O convivência com a violência na comunidade em que mora.

Coleta de Dados: Questionário do Professor

01) Como a indisciplina escolar infere no seu trabalho pedagógico?

02) A quais causas você atribue os casos de indisciplina dos alunos?

03) Como você enxerga o papel e a responsabilidade do professor sobre os casos de indisciplina na escola?

04) Relate possíveis casos de indisciplina que tenha testemunhado ao longo do seu trabalho docente nessa instituição?
